

# IDENTIDADE DO TUTOR PRESENCIAL NA EDUCAÇÃO EAD: ENTRE A ATUAÇÃO EXCLUSIVA OU COMPLEMENTAR

*Data de aceite: 02/10/2023*

**Alexandre Luís Gonzaga**

Professor na Universidade Federal do Acre, Douti

**RESUMO:** Este estudo aborda a constituição da identidade profissional e o papel do tutor presencial em cursos superiores no sistema de ensino à distância. Na esteira do progresso tecnológico, instituições de ensino privadas aderem fortemente ao uso das tecnologias com aplicações educacionais de modo que tanto a educação quanto a tecnologia são vistos como faces de um mesmo processo cultural de ensino. A instituição de ensino superior privada de ensino a distância pode ser vista como um mecanismo de veiculação de ideologia positivista, voltada para a produtividade, e onde eventuais reformas educacionais são percebidas como mecanismos de renovação econômica, transformação social e solidariedade nacional (MASCIA, 2002, p. 53), e que dissipam qualquer dissemelhança em função da unidade (CORACINI, 2003). Entrevistou-se cinco tutores presenciais de uma instituição de ensino superior à distância. Viu-se que o indivíduo que exerce a tutoria carece de identidade profissional

porque, entre os entrevistados, não há o que exerce a tutoria exclusivamente, sendo esse cargo exercido principalmente como segunda fonte de renda. Buscou-se caracterizar a relação identitária professor-tutor sob um aspecto de afirmação-negação de si e propôs-se assim, uma discussão baseada num quadrado de percurso de geração de sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação à distância. Tutor presencial. Identidade profissional.

## TUTOR OF IDENTITY IN THE FACE EAD EDUCATION: BETWEEN UNIQUE OR COMPLEMENTARY ACTION

**ABSTRACT:** This study addresses the formation of professional identity and the role of the present tutor in higher education in the distance education system. In the wake of technological progress, private educational institutions cling to the use of technology for educational applications so that both education as the technology are seen as two sides of the same cultural process of teaching. The private higher education institution of distance learning can be seen as a mechanism for serving positivist ideology, focused on productivity,

and where possible educational reforms are perceived as “engines of economic renewal, social transformation and national solidarity” (MASCIA, 2002, p. 53), and which dissipate any dissimilarity according unit (CORACINI, 2003). Was interviewed five present tutors of a higher education institution in the distance. We have seen that the individual holding the tutoring lacks professional identity because, among respondents, there is no holding the tutoring exclusively, and this position mainly played as a second source of income. We sought to characterize the relationship identity teacher-tutor in an aspect of claim-denial him and it was proposed thus an argument based on a square-generating sense route.

**KEYWORDS:** Distance Education System. Present tutor. Professional identity.

## 1 | INTRODUÇÃO

O tutor não tem outra função que não apenas acompanhar o processo de aprendizado do aluno e agir como facilitador em alguns momentos. Atualmente discute-se o papel constitutivo do discurso no âmbito do cotidiano social, máxime, no modo como se vê e se é visto pelo outro segundo os múltiplos discursos que perpassam os sujeitos. Visto desse modo, as questões identitárias constituem tema de interesse da Linguística Aplicada (LA) que contempla a linguagem em seu funcionamento e em uso.

O tema da identidade relaciona teorias de diversas áreas de conhecimento como psicologia social, sociologia, filosofia, linguística aplicada, e permeia pesquisas em ensino-aprendizagem, constituição dos sujeitos e estruturas organizacionais. Assim, pode-se observar uma variedade de estudos que abordam o tema da identidade sob algum aspecto, como Moita Lopes (1998 e 2002), Orlandi (1998), Kleiman (1998). Estimamos também que a Análise do Discurso (AD) e Michel Foucault (DREYFUS, RABINOW, 1995), através dos estudos culturais como ferramenta teórica, podem oferecer contribuição para entender o fenômeno da identidade.

Acredita-se que o tutor presencial, elemento constitutivo do sistema de ensino à distância com auxílio de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), possa ter seu exercício confundido com o de um professor. Pois, no centro do processo ensino-aprendizagem está o aluno, e o corresponsável pelos resultados de aprendizagem é o professor no desempenho do papel de facilitador, tal qual o tutor presencial.

Considerar o discurso e identidade na pós-modernidade é compreender ambos os elementos sob uma ótica sócio-construcionista. Desse modo, se consegue interpretar tanto discurso quanto identidade como componentes de uma realidade socialmente construída. Tal entendimento permite perceber discurso e identidade como ações sociais, ações no mundo. Ainda, desse modo, os indivíduos atuam no mundo por meio do discurso e assim, construindo significados. Ao atuarem no sentido de construírem significados, os sujeitos discursivos constroem não apenas a realidade social, mas a si próprios (MOITA LOPES, 1998).

Rajagopalan (2003), ao tratar do tema da identidade, nos diz que os sujeitos se

constituem na e pela língua, não podendo o sujeito constituir uma identidade fora da língua, assim, devido à própria fluidez da língua, uma característica das identidades é exatamente a falta de estabilidade. Não vemos esta falta de estabilidade como uma instabilidade, pois que instabilidade nos remete a um algo que não se fixa, mas concordamos com o autor no uso do termo “desestabilização”, pois que este sim remete a um algo que ora se fixa e ora se desloca. Assim, a desestabilidade das identidades é motivo de angústia intensa e, vista deste modo, a identidade constitui questão geradora de tensão devido à mutabilidade, fugacidade e reconstituição constantes,

Voltando nosso foco de análise para o ambiente onde o tutor presencial desenvolve sua atividade profissional, o polo de apoio presencial, onde são oferecidos diversos cursos de nível superior, é caracterizado por ostentar a bandeira de uma instituição privada de ensino reconhecida nacionalmente. Pode-se dizer que a instituição possui uma ordem do discurso, com um grupo de indivíduos, cada qual ocupando um papel social. Com ocupar um papel, queremos dizer aquele cuja posição é determinada ou definida e age de acordo com uma norma discursiva estabelecida. Através do discurso, então, professores, tutores e alunos desempenham seus papéis discursivos, delineando uma estrutura social definida que os cerca. Chamamos a atenção para os professores, presentes apenas em discurso, pois sua presença se dá em modo virtual dependente das TICs. Os tutores são aqueles que mediam a aula, ou seja, preparam o ambiente para a teleaula, acompanham os alunos e, em meio período de aula, desempenham papel de professores (segundo eles próprios como veremos adiante).

Visto parcialmente dentro da escala hierárquica referente à estrutura de produção e propagação de conhecimento no ensino à distância, o tutor presencial está na base da pirâmide, em contato direto com o aluno, resolvendo suas dúvidas e podendo transitar livremente pelo conteúdo exposto pelo professor que atua a distância, cuja interatividade se dá por intermédio das TICs, mas que não pode trazer algum conteúdo diferente daquele previsto pelo professor. Assim, pretende-se observar como o tutor presencial se considera como sujeito neste contexto.

Podemos considerar, também, que em relação ao conhecimento exposto pelo professor, a pirâmide hierárquica se inverte no sentido de que o professor pode hipotetizar das mais variadas formas e defender suas ideias com ampla liberdade. O tutor à distância facilita o aprendizado do aluno na medida em que pode levar dúvidas enviadas por alunos ao professor e enviar as respostas através da mídia escolhida para interação. Nesse sentido, o tutor presencial tem um espaço mais reduzido para buscar respostas às dúvidas dos alunos, devendo se ater o mais estritamente possível ao conteúdo passado pelo professor.

Ao tutor compete acompanhar a vida acadêmica do aprendiz apontando, indicando caminhos e, em parceria, buscar respostas. Numa estrutura onde, de um lado, está o professor como iniciador do processo de ensino e, do outro, o estudante, o destinatário do processo, recipiente daquele conhecimento proferido, as posições intermediárias tendem

a ter sua relevância reduzida. O tutor é o elemento que propicia a economia de escala no processo de ensino e aprendizagem no sistema de ensino a distância. O professor leciona para centenas ou milhares de estudantes ao mesmo tempo, e o tutor efetua a correção das avaliações, munidos de gabarito para padronização das correções.

Na esteira do progresso tecnológico, instituições de ensino privadas aderem fortemente ao uso das tecnologias com aplicações educacionais de modo que tanto a educação quanto a tecnologia são vistos como faces de um mesmo processo cultural. Nesse sentido, a instituição de ensino superior privada de ensino a distância pode ser vista como um mecanismo de veiculação de ideologia positivista, voltada para a produtividade, onde eventuais reformas educacionais são percebidas como “mecanismos de renovação econômica, transformação social e solidariedade nacional” (MASCIA, 2002, p. 53), e que dissipam qualquer dissemelhança em função da unidade (CORACINI, 2003).

O tutor, assim como o professor de línguas, enuncia a partir de um lugar definido que ocupa na instituição, de modo que esteja encaixado dentro da ordem do discurso e cumprindo as regras que lhe cabem (FOUCAULT, 2010). O fazer pedagógico do tutor de línguas tem uma relação intrínseca com as TICs, sendo essas tecnologias capazes de moldar o indivíduo segundo um modelo determinado de atuação. Destarte, veem-se as TICs como regimes de verdade e controle que levam ao assujeitamento do indivíduo e à sua consequente subjetivação.

É indispensável entender como as relações de poder-saber atravessam a linguagem do tutor de línguas, linguagem considerada como espaço de inscrição subjetiva do sujeito também no âmbito social. Para situar-se melhor, a identidade social é, para Moita Lopes (2002), algo que não está pronto nem fixo, mas situado nos processos discursivos de constituição do sujeito, e estes processos devem ser vistos também como sujeitos a assimetrias decorrente do modo como o poder permeia as interações sociais e, especificamente no nível de micropoderes cotidianos (FOUCAULT, 2007). A identidade social como uma construção social, ao mesmo tempo discursiva, é vista por Hall (2006) como sendo fragmentada, pois considera a identidade sob diversos aspectos específicos como cultura, etnia, raça, língua, religião e nacionalidade; as transformações por que passam o ambiente, e, em nosso caso específico, o ambiente de trabalho, influencia o conceito de sujeito integrado, estável. As transformações no ambiente afetam diretamente o indivíduo de modo a desestabilizá-lo, e, de acordo com Hall, suscitar o que chama de “duplo deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2006, p. 9). Esses movimentos de descentramento, tanto do lugar em que atua quanto de si mesmo como profissional, resultariam, então, numa crise de identidade.

Esta pesquisa contempla dois segmentos: um, de natureza iminentemente bibliográfica, e, no segundo segmento, entrevistou-se cinco tutores presenciais que atuam em educação à distância em uma instituição privada nacional. A partir, então, de pesquisas teóricas e entrevista aos cinco tutores presenciais, buscou-se determinar o quão importante

esses tutores se veem em relação à atuação profissional. Ressaltar quais as funções que estas personagens desempenham nessa modalidade, e o grau de proximidade ou frequência de contato que estes mantêm com o professor que atua à distância.

Estamos numa época em que se avalia continuamente a atuação profissional de cada trabalhador, mas pouco se vê sobre trabalhadores avaliarem seu próprio desempenho e satisfação em atividades profissionais.

Este assunto é relevante para se entender melhor a atuação do tutor presencial, suas expectativas ante ao desempenho da função.

## 2 | AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA EAD

Na sociedade contemporânea, os contextos nos quais a Educação a Distância se encaixa são muitos, e, alvo de estudos e pesquisas, defendida por muitos autores, como Pretti (1996), ao afirmar que a EaD não deve ser simplesmente confundida com o instrumental ou com as tecnologias a que recorre, mas deve ser compreendida como uma prática de se fazer Educação.

Na visão de Belloni (1999), a EaD aparece na sociedade contemporânea como uma modalidade de Educação adequada e desejável para atender às demandas educacionais oriundas da nova ordem econômica mundial. Belloni (1999) ainda nos diz que a EaD deve ser entendida no contexto mais amplo da Educação e constituir-se em um objeto de reflexão crítica, capaz de fundamentá-la. A EaD liga-se fortemente ao conceito de ensino democrático e à facilitação do acesso à escola, em qualquer tempo e para qualquer nível. Assim, a EaD pode ser vista como uma modalidade importante e necessária para a democratização da educação.

Para que entendamos o conceito e a prática da EaD, devemos ampliar o conhecimento sobre o uso das TICs na Educação, como diz Belloni (1999), concluindo que EaD é como um fenômeno ativo no processo de inovação educacional, integrando as novas TICs nos processos educacionais. O discurso pós-moderno, com forte viés econômico e mercantilista, vê as novas tecnologias legitimadas por pesquisas científicas como uma solução para o ensino motivador, e, por isso mesmo, eficaz (CORACINI, 2006).

A partir do crescimento e desenvolvimento da EaD e das tecnologias de apoio a esse sistema de ensino, foram atribuídos novos papéis a todos os envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem da EaD, inclusive como efeito do próprio discurso educacional pós-moderno, tem-se a figura do papel do tutor. Para Mill:

Como participante efetivo da polidocência virtual, o tutor também precisa dominar os saberes essenciais à docência em geral. O exercício da tutoria virtual exige saberes e competências, envolvendo aspectos pedagógicos e didáticos, sociais e colaborativos, gerenciais e administrativos e questões técnicas e estratégicas, tais como:

Conhecer a proposta curricular, o perfil do egresso e o desenho do curso.

Dominar os conteúdos específicos da disciplina e os materiais didáticos de apoio.

Conhecer as particularidades do trabalho docente virtual.

Compreender suas responsabilidades, tarefas e rotinas. (MILL, 2006, p. 113).

Ainda na mesma linha, para Litwin (2001), um bom professor será um bom tutor, desde que proponha reflexão, dê sugestões de outras fontes de pesquisa, sane as dúvidas com explicações claras e objetivas, sempre com vistas a guiar, orientar e facilitar o entendimento dos conteúdos. Notemos que para esse autor, os papéis tem praticamente a mesma atribuição, diferindo mesmo na superfície do nome, mas não no conteúdo.

Mill (2008) descreve os novos papéis que surgiram para esses profissionais no trabalho docente.

A relação ensino-aprendizagem nesse contexto conta, por exemplo, com o docente-tutor. Entre as denominações atribuídas a este docente percebemos tutor virtual, tutor eletrônico, mentor, tutor presencial, tutor de sala de aula, tutor local, orientador acadêmico, animador e diversas outras. O que caracteriza este trabalhador é sua função de acompanhar os alunos no processo de aprendizagem, que se dá, na verdade, pela intensa mediação tecnológica. Justamente por ser um novo parceiro na construção do conhecimento e pela falta de práticas e modelos educacionais aos quais pudemos ter acesso, o trabalho do tutor requer atenção e cuidado de toda a equipe envolvida em EaD. (MILL, 2006, p. 113)

Nesse sentido Mill (2008) entende que o tutor é visto como peça fundamental para o desenvolvimento e bom rendimento do aluno ao longo do curso, devendo, portanto, ter bem definidos os objetivos do curso e quais serão as atribuições do tutor, e como irá relacionar os conteúdos com o material disponível, o ambiente, a área de atuação, a avaliação e com o acadêmico.

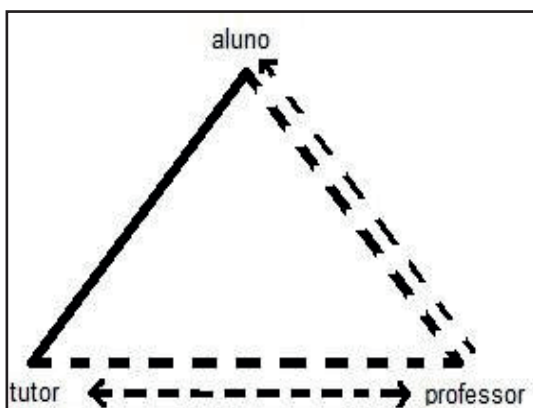
Chamamos a atenção para o que Mill chama de intensa mediação tecnológica. Este é, portanto, um dos fatores que contribuem para a formação identitária do tutor presencial, o domínio da tecnologia como recurso sobre o qual se apoia o fazer profissional.

Temos, assim, a imagem de um tutor que age como um professor na pós-modernidade, e a suposição de que o tutor detém um saber tal qual um professor sem se-lo, ou, ao menos, reconhecido como tal, demanda estabelecer identificações por oposição no ambiente de ensino-aprendizagem. O saber do tutor é relativizado no papel de docente; ora é tido como docente pelos alunos, pela proximidade física e pelo obrigatório domínio do conteúdo que é passado pelo professor à distância, mas institucionalmente é tutor, não dirimi sobre o conteúdo, apenas faz cumprir. A tecnologia, embora essencial para o desenvolvimento da atividade, não é um fim em si própria, mas o meio pelo qual se desenrola a atividade. Muito embora, o efeito de sentido que a fala de Mill provoca é que a tecnologia adquiriu um peso tal na relação pedagógica que passou a ser de caráter indispensável.

Para Coracini há um efeito de naturalização destas novas tecnologias que interferem diretamente no desempenho pedagógico de qualidade e:

instaura, no imaginário do professor, uma situação de conflito, despertando, ao mesmo tempo, o desejo de dominá-las e a angústia diante da constatação de seu desconhecimento e das dificuldades que colocam em xeque sua autoridade ou poder legitimado pelo saber que, embora lhe seja ainda atribuído pelo imaginário social, se vê questionado (CORACINI, 2006, p. 8).

Fica assim caracterizado um duplo deslocamento do centro da relação pedagógica, o primeiro deslocamento ocorre na relação entre educando (aluno) e educador (tutor (?)) ou professor (?). Esquemáticamente propõe-se:



Fonte: Elaborado pelo autor, 2014.

Visto deste modo, a relação professor-aluno se dá por via indireta, mediada pelas TICs e em sentido único; a relação professor-tutor permite interação nas duas direções, mas também por via indireta mediada pelas TICs. A relação tutor-aluno se dá nas duas direções e por via direta, sem mediação por TICs. Retomando, o primeiro deslocamento é em relação ao aluno, o tutor interage diretamente com o aluno sem ser seu professor, e o segundo deslocamento é na relação tutor-professor, onde o professor passa instruções de como determinado conteúdo deve ser tratado em sala de aula, limitando a autonomia do tutor em relação ao aluno no trato do conteúdo.

O tutor, assim, deve ter toda uma *expertise* do conteúdo, da tecnologia e da didática para atuar em sala de aula sem ser um professor, portanto, com baixa autonomia sobre seu fazer. No fulcro da relação pedagógica localiza-se a ação educacional que intenta contribuir para a formação profissional do aluno, capacitar-lhe para que possa se inserir no mercado de trabalho. A relação tutor-aluno é permeada pela incompletude na constituição da identidade do tutor e pode se refletir na qualidade da ação ensino-aprendizagem, inclusive em função da tecnologia, como descreveu Coracini.

No modelo de ensino da Universidade de onde se entrevistou cinco tutores

presenciais, o tutor presencial apenas corrige as atividades e avaliações dos alunos e acompanha o desenvolvimento do que foi proposto e a postagem de trabalhos acadêmicos em ambiente virtual denominado *MOODLE*. Depois, o tutor acessa o ambiente virtual, baixa as atividades e corrige-as (faz *download* dos arquivos postados pelos alunos). Assim nos deparamos com a questão norteadora deste estudo, sobre a identidade profissional do tutor em face ao esvaziamento da função.

Em nossas entrevistas com os tutores percebemos que, em sua grande maioria, o trabalho na função de tutor presencial nos cursos à distância da universidade pesquisada funciona como um complemento salarial, pois exercem outras atividades durante o dia, e a praticidade do cargo possibilita enfrentar mais uma jornada de trabalho. Visto por esse lado, uma função ligada a um ambiente de ensino e aprendizagem onde o tutor obtém o material previamente preparado, e só precisa colocá-lo eventualmente em outras palavras para facilitar o processo de aprendizagem do aluno, poderia ser visto como positivo, as aulas já estão preparadas e a avaliação do conteúdo pronto.

Entendemos que seja esse um dos motivos para a pouca perspectiva de carreira, ganhos e aperfeiçoamento encontrado entre tais tutores, pois nessa função eles não participam do planejamento dos conteúdos, estratégias e atividades, participando apenas da correção e comentando os resultados com os alunos.

Morgan (1996, p. 118) nos diz que os empregados quase sempre estabelecem compromissos por toda a vida com as organizações, que eles veem como uma extensão de sua família, e complementa o raciocínio dizendo que há fortes ligações entre o bem-estar do indivíduo, a empresa e a nação. Assim, o que se coloca é uma questão de cultura organizacional se interpondo na formação da identidade profissional do tutor presencial.

A iniciativa privada na educação, assim como nos demais setores de uma economia de capital, age de acordo com a demanda do serviço prestado. Em outras palavras, não há estabilidade no cargo, a permanência está diretamente vinculada ao número de matrículas em determinada turma. Eventuais oscilações na demanda são tratadas pontualmente e em curtos espaços de tempo. Isso gera desconforto entre os tutores presenciais, notadamente nos tutores entrevistados.

A fim de aclarar a situação de que se fala, exemplificaremos um caso que, por não correr em segredo de justiça, é aberto à consulta popular. No ano de 2012 formaram-se duas turmas em determinado polo de apoio presencial de uma universidade, uma turma de um curso de bacharelado e uma de um curso de tecnologia. Ambas com número pouco abaixo do mínimo de quinze alunos, estipulado pela universidade. Contudo, no início do período de formação das turmas, ao final do primeiro semestre colocou-se a seguinte situação, se não houvesse novas matrículas restaria fecharem as turmas ou fundirem-se e apenas uma se extinguiria. Essa ação gerou questionamento jurídico de ajuizamento de



danos morais aos alunos<sup>1</sup>, mas ao tutor presencial restou apenas voltar para casa<sup>2</sup>.

Problematizando um pouco mais a questão da insegurança e sua relação com a identidade profissional, se buscará mostrar como esta insegurança gera no indivíduo certa insatisfação. De acordo com Chanlat (apud GONZAGA, 2003), as organizações influenciam as condutas humanas observáveis internamente. Para o autor, as organizações são constituídas, por um lado, por um subsistema estrutural e material, que remete às condições e meios materiais para assegurar a produção de bens ou serviços; e, por outra parte, por um sistema simbólico que remete ao universo das representações individuais e coletivas, que dão sentido às ações e às relações que homens e mulheres mantêm entre si, formam o quadro social de referência no qual se inscrevem os fenômenos humanos.

Nesse sentido, “[as] tensões, os conflitos, a incerteza, a ambiguidade, as desigualdades, as contradições de origens exógenas e endógenas variadas encarregam-se de alimentar esta instabilidade” (CHANLAT, apud GONZAGA, 2003, p. 40).

As exigências do ambiente no nível econômico das organizações contemporâneas influenciam diretamente e cada vez mais o comportamento dos indivíduos que atuam dentro delas.

### **3 I O DISCURSO DO TUTOR PRESENCIAL – *DUCOR ET DUCO HOMINEM***

Galindo (2004) destaca que a identidade profissional é um processo de construção de sujeitos no âmbito profissional e se inscreve no que o autor chama de jogo do reconhecimento. Tal jogo se constitui por dois polos, de um lado o autorreconhecimento e, por outro, o alter-reconhecimento (ser reconhecido pelos outros). Galindo (2004) ainda nos diz que o processo de identificação se dá em dois níveis, o individual e o social, sendo a identidade profissional pertencente ao nível social.

Cabem algumas considerações antes de adentrarmos diretamente no que os tutores responderam. Como já dissemos, o sujeito se constitui na linguagem e pela linguagem, assim, implica uma consciência da linguagem, mesmo uma consciência bakhtiniana de onde emerge um dialogismo de natureza interdiscursiva, assimétrica e, às vezes, desproporcional. Esta consciência seria elaborada a partir das relações que os sujeitos preestabelecem mutuamente no âmbito social e que é mediado pela linguagem. Nesta perspectiva emerge a figura do outro bakhtiniano, responsivo ativo materializado nas respostas externalizadas, ou mesmo internas.

Outro ponto que queremos abordar é o do esquecimento, entendido por Pechêux (1999) como sendo duplo. Esquece-se que a linguagem não é transparente, o sentido

---

1 Extraído do Tribunal de justiça do Estado do Rio Grande do Sul em 5 de janeiro de 2010, disponível em: <<http://tj-rs.jusbrasil.com.br/noticias/20472227/aluno-recebera-indenizacoes-por-cancelamento-de-curso-a-distancia>>. Acesso em: 30 out. 2014.

2 Debate com professores aborda demissões nas Faculdades Anhanguera. Extraído da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 08 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://al-sp.jusbrasil.com.br/noticias/3014838/debate-com-professores-aborda-demissoes-nas-faculdades-anhanguera>>. Acesso em: 30 out. 2014.

não é evidente assim como não há uma relação natural entre a palavra e a coisa, e como não é direta a relação entre pensamento, linguagem e mundo. O segundo esquecimento pechetiano diz que não somos a fonte de nosso dizer, mas que se opera sempre sobre o já dito, não há o que se diga hoje que não tenha sido dito em algum momento anterior na história, contudo é um esquecimento necessário para a constituição do indivíduo em sujeito. O desdobramento desse conceito perpassa pela posição do sujeito ou forma- sujeito, um indivíduo que é ao mesmo tempo sujeito e assujeitado, *ducor et duco hominem*.

Foi perguntado aos sujeitos se se viam no papel de tutor presencial. Abaixo pode-se observar os excertos das entrevistas:

R1: eu atuo bastante como professora, porque assim, (pode falar o que quiser, né?), é muito vago só aula virtual, eu é que to em contato direto com os alunos, então a partir desse contato eu tento me aproximar o máximo que posso e tirar deles o máximo que eu posso também. Hoje eu converso com minhas alunas, aquelas que estão terminando, de igual para igual, né, então porque eu trabalhei muito pra que elas chegassem nessa posição, sempre exijo muito, os trabalhos delas eu corrijo mesmo, erro de português, formatação, colocação verbal, é... termos técnicos, tudo... se você olhar um TCC e for corrigir, tá todo vermelho, porque eu cobro mesmo, porque eu sei que elas podem me dar, né, então eu atuo como professora.

R2: não, eu não me vejo como... eu me vejo como professora porque como eu sou muito apaixonada por isso que eu faço e sai assim de mim involuntariamente, eu to sempre falando da minha prática, dos meus alunos, to comparando os meus trabalhos, trago pra eles verem trabalho, trago pra eles verem nota, a gente tem momento que fala sobre descritor, sobre uma oficina de matemática usando um recurso didático diferenciado, então assim, é.... eu me vejo mais como professora, professora que tem ali uma experiência de 15 anos de sala de aula, passei por todas as séries do ensino fundamental um. Do prezinho, do bebê de dois anos e meio até o quinto ano, então eu me vejo como professora e com a turma está sendo capacitada pra ser professora pedagoga dessa área, eu me vejo como professora que tem uma certa experiência que possa realmente assim dividir com eles.

R3 P1: Não, eu sou professora de 1ª a 4ª série na escola A. Lá eu tenho papel de professora, aqui de tutora. (entrevistador: você vê diferença nestes papéis?) totalmente, lá eu transmito os conhecimentos, né, eu tenho que preparar todos os conteúdos, eu faço avaliação, e... aqui não, aqui a avaliação vem pronta, os conteúdos vem prontos, aqui a gente só ajuda no entendimento de alguma coisa que não ficou muito clara, né, lá não, lá eu que sou responsável por todo o processo de aprendizagem

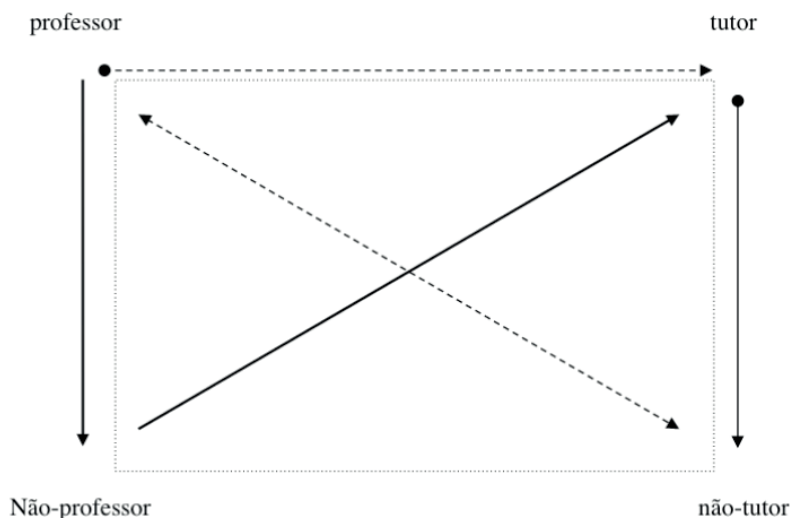
R5: eu me vejo como professor, até porque os alunos me veem como professor, até porque eu já saí de uma instituição presencial onde eu atuava como professor e era assim que os alunos me viam lá.

Como enunciadores, os tutores exercitam um fazer persuasivo quando observa-se a forma como fazem passar o valor de ser professor, fazem crer em um poder-fazer que se realiza pelo auxílio tecnológico, a mesma tecnologia que aproxima o professor a distância é a mesma que o mantém longe.

As condições de produção do discurso remetem às relações de forças que permeiam as relações que constituem a prática discursiva. Os respondentes compreendem e constataam que há uma desigualdade real, uma assimetria nas relações entre eles, os alunos e os professores à distância. Pela proximidade os alunos chamam os tutores de professores, é onde acreditamos que emerge o conflito identitário que age no nível do ser e do parecer ser. A função do tutor, como concebida pela instituição de ensino é como a de um professor destituído do poder de sê-lo, por isso é incompleto, Dentre os respondentes, há os que são professores em outras instituições de ensino, por isso não conseguem agir de modo diferente. Agem e são vistos como professores, mas precisam se submeter ao discurso do professor à distância.

Vê-se que existem aproximações e distanciamentos da função de um docente e de um tutor, ambos seguem procedimentos semelhantes no sentido de ensinar, mas enquanto o docente tem a liberdade de escolher caminhos para, através de seus métodos didáticos, passar determinado conteúdo, ao tutor fica o papel de seguir o caminho determinado pelo outro, não podendo optar.

A negação da função de tutor observada nas respostas que destacamos leva-nos a propor que há uma negação intrínseca dessa função quando o sujeito exerce ou já exerceu a função de professor em outra instituição de ensino. Esta proposição de negar-se como tutor e ver-se como professor assemelha-se à concepção do quadrado greimasiano onde para ser um é necessário negar o outro. Assim, o quadrado semiótico de Greimas (1993) ficaria:



Assim, a passagem de professor a tutor implica, num primeiro momento, negar-se como professor, ou seja, negar a identidade de professor, aí, então, pode-se assumir o

papel de tutor. Desse modo, o professor é em si a negação do tutor, é o indivíduo que dá razão ou sentido à existência do tutor. Sendo extensão de um contínuo, temos de um lado o professor e de outro o tutor presencial. Lembremos que essa é uma proposição aplicável ao modelo de ensino à distância, onde o professor está distante do aluno e o tutor é o elemento presente, o professor é o detentor do conhecimento, mas sua presença é virtual, o tutor está presente fisicamente e é o elemento mediador e facilitador da relação professor-aluno.

O tutor é um elemento dentro da organização que possibilita a redução dos custos operacionais dentro da estratégia de massificação do estudo a fim torná-la viável em escala. Visto assim, a carreira de tutor se consolida como carreira docente diferenciada. É um quase professor, ou um docente incompleto.

No sistema de ensino formal não há cursos de tecnologia ou graduação plena para formação de tutores. Há sim cursos de formação de tutores como treinamentos, ou, por exemplo, para atuação no âmbito da Universidade Aberta do Brasil, sistema público de ensino a distância de nível superior, o curso de formação de tutores que se constitui em um treinamento para operação na plataforma *MOODLE*, e é condição *sine qua non* para atuação como tutor na instituição. Na instituição onde foi realizada a pesquisa o processo é inverso, ocorre primeiro a contratação do profissional e depois ocorre seu treinamento para operação na mesma plataforma. Como esclarecimento, a plataforma *MOODLE* é um sistema de código aberto que qualquer instituição pode usar, pública ou privada, e por ser *open source* permite adaptação à necessidade do usuário.

## 4 | OS DESAFIOS

Viu-se aqui brevemente o papel desempenhado pelo tutor dentro de um sistema de ensino a distância

O tutor é um elemento do qual as organizações que pretendem atuar dentro deste sistema de ensino não podem prescindir, por ser um elo significativo na cadeia do processo ensino-aprendizagem e, de acordo como visto anteriormente, pode ser o elemento determinante entre o sucesso e o fracasso de uma organização de ensino. Todavia, esse indivíduo carece de uma identidade organizacional forte, a estrutura de custos das organizações de ensino faz com que este profissional não veja a tutoria como atividade principal, sendo apenas, de um ponto de vista econômico, uma complementação de renda.

O ensino à distância é um novo paradigma, inovador em muitos sentidos, quando se observa as tecnologias disponíveis e aplicadas que ampliam em muito as possibilidades de acesso à informação.

À guisa de conclusões, pretendeu-se aqui discutir o papel do tutor presencial e tornar explícito que paralelo ao profissional está o indivíduo, e que este está cindido entre uma posição de professor, função que acreditam ocupar, e não-professor, porque não

são reconhecidos pelo poder hierárquico superior como tal, de outro modo, são tutores presenciais, mas não se reconhecem como tal e alguns não são vistos como tal. Nesse momento se coloca uma relação dialética entre esses dois polos dentro de um mesmo indivíduo.

Dito isso, esperamos ter colaborado para aumentar as discussões em torno do tema da identidade profissional dos vários atores sociais.

## REFERÊNCIAS

BELLONI, M. L. **Educação à distância**. 5. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2008.

CORACINI, M. J. Pós-modernidade e novas tecnologias no discurso do professor de língua. **Alfa**, São Paulo, n. 50, v.1, p. 7-21, 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2010.

GALINDO, W. C. M. A construção da identidade profissional docente. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, n. 24, v. 2, p. 14-23, jun. 2004. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932004000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 nov. 2014.

GONZAGA, A. L. **A validação do Maslach Bournt inventory em língua portuguesa**: um estudo exploratório. 2003. Dissertação (Mestrado). Faculdade Escola de Comércio Álvares Penteado, São Paulo, 2003.

GREIMAS, A. J., FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**: dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Coracini. São Paulo: Ática, 1993. HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.

KLEIMAN, A. B. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 267-302.

LITWIN, E. (Org.). **Educação a Distância**: Temas para Debate de uma Nova Agenda Educativa. Porto Alegre, Artmed, 2001.

MASCIA, M. A. **Investigações discursivas na pós-modernidade**: uma análise das relações de poder-saber do discurso político educacional de língua estrangeira. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.

MILL, D. et al. O desafio de uma interação de qualidade na educação a distância: o tutor e sua importância nesses processo. **Cadernos da Pedagogia**, Ano 2, v. 2, n. 4, ago./dez. 2008. Disponível em <<http://www.sead.ufscar.br/outros/artigo-mill>>. Acesso em: 03 nov. 2014.

MILL, D. **Educação a distância e trabalho docente virtual**: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia. 2006. 322 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/HJPB-55Y9MT?show=full>>. Acesso em: 10 out. 2014.

MOITA LOPES, L. P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 303-330.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MORGAN, G. **Imagens da organização**. Tradução de Cecília Bergamini e Roberto Coda. São Paulo: Atlas, 1996.

ORLANDI, E. P. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 203-212.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

PRETI, O. Educação à distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. In: PRETI, O. (Org.). **Educação a Distância**: início e indícios de um percurso. Cuiabá: UFMT, 1996.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 21-45.